O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	10 de Junho de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial *Praça dos Restauradores, 27*	N.º 1060

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA — SESSÃO SOLEMNE, PRESIDIDA POR S. M. EL-REI D. MANUEL, PARA A ENTREGA DA MEDALHA DE OURO AO SR. TENENTE-CORONEL ALVES ROÇADAS

GRUPO DE LENTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, QUE VEIO APRESENTAR A S. M. EL-REI D. MANUEL UMA MENSAGEM DE CONGRATULAÇÃO

(Clichès Benoliel)

Chronica Occidental

Estamos no bom tempo para os retiros e hortas — onde já se despe o casaco e se joga o chinquilho, e se ajustam a giz numa ardosia as contas dos comes e bebes: a Perna de Pau, a Tia Joanna, o Colete Encarnado, o Manoel Jorge, o José dos Pacatos, o Joaquim dos Melões, a Bazaliza, as Varandas, o Camba, a Nova Cintra...

As hortas eram, já no tempo de Nicolau Tolentino, o bem parado dos gastronomos de bom contento.

Quando era grande funcção
Ir a amiga vêr a amiga,
E merendarem no chão.

Então, como agora, se a lista dos chanfaneiros não seduzia pela variedade dos acepipes, fazia crescer a agua na boca dos freguezes pela variedade dos cheiros que a arte culinaria sabe dar extra muros aos guisados os mais vulgares, debaixo do parreiral sombrio e convidativo de algum retiro campestre, naquellas toscas mesas de pinho sem toalha.

Já não sei quem dizia que a retirada das hortas de uma familia alfacinha seria assunto digno do pincel de Hogard e da sua fina observação dos costumes burguezes. Variam ao infinito os tipos dos frequentadores das hortas. Ao amador de desenjoativos que não admitte salada sem ser francamente remexida, em a guidar vidrado, pelos braços felpudos do bicho da cozinha, alia-se o entusiasmo do frequentador que jura não ser invenção dos mortaes a pescadinha frita... As hortas são frequentadas inocente ou maliciosamente, confórme é uma familia patriarchal que as procura como pretexto para tomar ar, forrando-se ao trabalho de pôr a panela ao lume, ou é o celibatario incorrigivel que as visita para ter tempo pelo caminho de esmoer o jantar, e de se aliviar sem testemunhas da carga que o temporal o obriga a alijar. No primeiro caso, a horta cheira a ecloga, rescende ao rosmaninho; no segundo caso, é o candongueiro de vinho carrascão que vem contaminando a estrada até entrar as portas, sem que a Alfandega possa exigir-lhe direitos pelo odre que chegou vasio.

A' festa do descanço segue-se a festa do trabalho, que os operarios celebram com seus prestitos, com seus comicios, com suas filarmonicas. E' o dia luminoso, florido e perfumado do primeiro de Maio. Lusco-fusco ainda, pelo diluculo asulado e leve, já o alfacinha tem vindo para a rua, e de nariz no ar, pimpante e lésto, busca o rumo da primeira fanfarra em alvorada para lhe tomar o encalço, seguindo-a na marcha que a alegria dos metaes estuga, madrugadora e fresca.

Depois do dia de Maio, nesse mesmo mez, vem a quinta-feira de Ascenção, que a tradição popular festeja pelos arrabaldes, quasi despovoando Lisboa, correndo aos campos verdes do trigo, na colheita da espiga, dos malmequeres e papoulas.

Quinta-feira da Ascenção,
Quem tem espiga, tem pão!

A espiga é um simbolo — o simbolo da abundancia. Mas é, principalmente, um bom pretexto para os lisboetas irem, em ranchos, vestindo o seu fato domingueiro, dar largas ao coração, mergulhar em mais um banho de boa luz e ar, fazer merendas, espairecer a seu modo.

Outros tantos pretextos para prazer egual são as romarias á Senhora da Rocha, ao Senhor da Serra, á Senhora da Atalaia, a todos os santos e santas que sabem atrair ás visinhanças da sua ermida o entusiasmo dos arraiaes. Nessas correrias pelo campo fraldado de giestas e de verdeselhas, por entre as silvas e as flores da amora, rapazes e raparigas, guitarristas e bailadeiras, velhos e creanças, numa perfeita harmonia de almas, todos têm sua parte no grande e vivo regosijo de taes dias. A' sombra de arvores, sobre toalhas de relva, cada familia, cada grupo vae abrindo a cesta da sua merenda, o garrafão do seu vinho; e respirando bom ar, e contemplando largos horisontes, tudo canta e folga. Bailaricos, jogos, corridas, todo um programa de folia inofensiva auxilia depois a digestão dos melhores petiscos, distende os musculos. E em volta das ermidas, completando o quadro da animação popular, pipas de vinho em carros, o ventre repousado entre toldos de chitas de ramagens e grandes ramos de louro, mesas de peixe frito, bolinhos de bacalhau, azeitonas e queijadas, fructas e mil guloseimas.

Ha porém um periodo de festas populares em que o alfacinha não sae de Lisboa, e em que cae em Lisboa um poder do mundo dos salois. E' neste mez de Junho, quando se festeja Santo Antonio, S. João e S. Pedro. São verdadeiras romagens das aldeias e casaes da cercania ao coração da cidade, praso dado sem ajuste nem convite, de todos os guitarreiros e cantadores do termo. As noites da Praça da Figueira e suas imediações têm nesta ocasião um cunho lisboeta e provinciano que se não confunde, na contagiosa alegria dos descantes, das guitarras, dos balões de côres, das gaitas e assobios de barro, dos pregões de frutas, mangericos e cravos, todo aquelle ir e vir de formigueiro humano, que a folia impele sem nexo e sem sentido.

Um dos costumes alfacinhas a observar nesta quadra é o culto das creanças pela rua a cada um dos tres santos populares. Todos os garotetes da cidade levam do seu brio perpetuar tal culto, recorrendo para isso á generosidade dos transeuntes. A cada esquina, em cada quarteirão dos bairros proletarios, levanta-se o pequenino throno do santo festejado, com seus castiçaes de chumbo, sua cruz doirada, seus malmequeres e rosas, e a imagem, em cima, sob o baldaquino de papel doirado, a imagem classica de barro, vestida de borel se é o sorridente Santo Antonio com seu Menino Jesus ao colo; em fresco trajo biblico de pastor, se é S. João com seu carneirinho ao lado; de tunica vermelha, barba longa e grande calva á mostra, se é S. Pedro, com seu mólho de chaves de oiro que abrem as portas do céo. O chão onde o throno assenta cobre-se de areia encarnada, folhas de rosa, alecrim e mangerona. E não ha voltaireano blindado de aço, na frase de um humorista, que não proteja com cinco réis aquelle culto inocente de meiguice.

As capelistas de Lisboa, de quem pouca gente já se lembra nos outros mezes do anno, e que morreriam á mingua se não houvessem tido o cuidado de empregar na compra de alguma inscripçãosinha os ganhos d'outro tempo em que era d'ellas o monopolio das agulhas e alfinetes, meadas de linha e botões para ceroula — tiram por este tempo seu ventre de miserias, fazendo um negocio doido com as imagens dos tres santos, os thronos de pinho forrados a papel, os castiçaes de chumbo, os balões e os fogos de vista que se deitam ao ar e se queimam nas tres noites — bichas de rabiar, trics-tracs, valverdes e pistolas, serpentes de Pharaó, vulcões e bombas...

E' que outro bom negocio d'estes dias de Junho não é tambem o dos cravos de papel, dos vasos com mangericos, das alcachofras, dos mólhos de alfazema, dos rouxinoes de barro! Ninguem vae á Praça da Figueira, que volte para casa sem ter comprado alguma coisa d'essas. Os rapazes escolhem entre os cravos de papel aquelles que dizem, na bandeirinha branca grudada á haste, a quadra mais adequada ao caso do seu namoro. As raparigas querem os mangericos para os pôr á janella, e queimam as alcachofras na ancia de saber se o derriço lhes sae voluvel ou constante, conforme ella reverdece ou toda se carbonisa. As velhas perfumam a casa com mólhos de alfazema. Os petizes ensurdecem a familia, assoprando no rabo aos rouxinóes...

João Prudencio.

LENTES DA UNIVERSIDADE

O corpo catedratico da Universidade de Coimbra foi, no dia 2 do corrente, recebido por Sua Magestade El-Rei D. Manuel, ao qual veio apresentar sua mensagem de congratulação pelo novo reinado e pedir ao monarca a proteção que seus antecessores, desde D. João III, tem sempre dispensado áquelle estabelecimento cientifico.

El-Rei agradeceu as felicitações do respeitavel corpo catedratico prometendo proteger a Universidade e contribuir quanto possa para o seu engrandecimento, declarando tambem que receberia com muito prazer os lentes sempre que lhe precisassem falar.

Os lentes que vieram apresentar a mensagem a Sua Magestade e inscreveram seus nomes no livro de registo do Paço, foram os srs. dr. Lisboa Ramos, conde de Valenças, dr. Paes do Amaral, dr. Teixeira Bastos, dr. Cabedo de Lencastre, dr. Costa Allemão, dr. Augusto de Arzilla Fonseca, dr. Avelino Callixto, dr. Daniel de Mattos, dr. Costa e Almeida, dr. Bernardo Ayres, dr. Sousa Gomes, dr. Gonçalo d'Almeida Garrett, dr. Dias da Silva, dr. Antonio de Vasconcellos, dr. Luciano Pereira da Silva, dr. Gonçalves Guimarães, dr. Julio A. Henriques, dr. Eusebio Tamagnini de Mattos Encarnação, dr. Azevedo de Araujo e Gama, dr. Ferraz de Carvalho, dr. Silva Bastos, dr. Santos Viegas, conde de Felgueiras, dr. Paiva Pitta, dr. Manuel de Jesus Lino, conselheiro Wenceslau de Lima, dr. João Gualberto de Barros e Cunha, dr. Guimarães Pedrosa, dr. Bernardo Madureira, dr. José Maria Rodrigues, dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, dr. Ferraz e Silva, dr. Raymundo da Silva Motta, dr. Arthur Montenegro.

Sociedade de Geografia

Sessão solemne em honra dos vencedores do Cuamatu

Presidida por Sua Magestade El-Rei D. Manoel reuniu, no dia 31 de maio, a Sociedade de Geografia, em sessão solemne, para premiar os vencedores do Cuamato, destinguindo com uma medalha de ouro o comandante da expedição o sr. tenente-coronel Alves Roçadas, além do diploma de socio honorario que lhe conferio, assim como ao capitão chefe do estado maior sr. Eduardo Augusto Marques, capitão comandante da companhia de infanteria n.º 12 sr. Francelino Pimentel e primeiro tenente comandante da companhia de marinha sr. Victor Leite de Sepulveda.

El-Rei, acompanhado pelo sr. conde de Tarouca, chegou, em automovel, ás 4 horas da tarde, precedido pelo sr. Infante D. Affonso, que chegára 10 minutos antes.

A grande sala *Portugal* regorgitava de espectadores, que, não cabendo nella, se estendiam pela sala da *India* e por todos os recantos onde podessem vêr ou ouvir alguma coisa. O bélo sexo dava grande contingente, como dava tambem grande explendor e animação, provando o dizer do poeta apaixonado «o mundo sem a mulher seria um deserto», o que até sem paixão é uma grande verdade... As senhoras com a sua gentileza e seus vestuarios de côres leves e variadas, disputavam primasias ao variegado colorido e fragrancia das flôres que profusamente decoravam a sala, por onde trepavam as rosas e se recamavam dourados malmequeres como constelações de estrelas em ceu azul. Grandes jorros de luz entravam pelas amplas janélas, espalhando sua alegria por todo o ambiente e onde um ou outro raio de sol ainda chegava, fazia brilhar os metaes dos fardamentos da guarda de honra, de aspirantes do exercito e da marinha, que formavam aos lados da mesa presidencial.

O aspéto era deslumbrante de vida, de animação, assistindo, entre a enorme concorrencia de socios e convidados, todo o ministerio, corpo diplomatico, ministros de estado honorarios, pares do reino, deputados, oficialidade de terra e mar, etc.

A' chegada de El-Rei houve na sala um movimento geral, em que todos se puseram de pé, e por entre calorosas aclamações receberam Sua Magestade até que tomou logar na presidencia, tendo á esquerda o sr. Infante D. Affonso.

Em nome de El-Rei abriu a sessão o sr. coronel Roma du Bocage, o qual, pedindo a devida venia, leu uma alocução apropriada ao acto, agradecento a presença de Sua Magestade, frisando os serviços prestados pela benemerita sociedade, que mais uma vez se tinha de congratular pelas vitórias das armas portuguêsas em Africa, distinguindo os heroes da campanha do Cuamatu, na pessoa do seu comandante e immediatos colaboradores. A todos desejaria a Sociedade de Geografia conferir a distinção de socios honorarios, mas o numero destes é limitado, e assim escolheu como representantes de seus camaradás de terra e de mar os nomes dos srs. capitão Eduardo Augusto Marques, chefe do estado maior das forças em operações; capitão Francelino Pimentel, comandante da companhia de infanteria n.º 12 e o mais antigo dos oficiaes do exercito de terra; e Victor Leite de Sepulveda, primeiro tenente da armada e o mais antigo dos oficiaes da sua corporação, que tomaram parte na campanha.

Terminada a alocução, o sr. coronel Roma du Bocage deu a palavra ao sr. tenente-coronel Alves Roçadas, o qual agradeceu á Sociedade de Geografia a honra que lhe concedia, assim como a El-Rei a sua presença ali, ao corpo diplomatico, e a toda a assistencia, depois do que passou a fazer a conferencia sobre a campanha do Cuamatu, que adiante transcrevemos.

Acabada a leitura, procedeu-se á entrega dos diplomas e da medalha de ouro ao comandante Roçadas, o que foi feito por El-Rei que apertou a mão a todos os premiados.

Dentre o auditorio levantaram-se ruidosos aplausos aos heroes do Cuamato e vivas a El Rei, que só se acalmaram para que Sua Magestade podesse lêr a seguinte alocução, com que terminou esta solemnidade:

«E' a primeira vez que, na qualidade de protector e presidente de honra, me encontro na benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, guarda fiel das tradições do nosso glorioso passado, pioneira intrepida do nosso vasto dominio colonial.

Dois sentimentos bem portuguezes e bem profundos me dominam n'este local e n'este momento: o patriotismo e a saudade.

Tudo n'esta sala diz o muito que fizemos, mostra o muito que valemos e assim me orgulho de ser portuguez.

As palavras de sentida justiça que ouvi consagrar áquelles que tão cruelmente foram arrancados ao serviço da Patria, á memoria respeitada e querida de meu pae e á de meu chorado irmão, em cuja vida tão curta se destacou o amor pelas nossas colonias, lembram-me o enthusiasmo com que um e outro foram aqui acclamados e essa lembrança enche-me a alma de saudade!

A festa a que presido, por egual confunde no meu coração os mesmos dois sentimentos:

Recordo saudosamente que foi das mãos de meu amado pae que os heroes a quem ella é dedicada, receberam o mandato honroso de partirem para a guerra; e sinto-me preso do mais puro patriotismo ao entregar-lhes por minhas mãos a gloriosa insignia e os diplomas com que esta Sociedade os recompensa por haverem cumprido o encargo que El-Rei D. Carlos lhes havia confiado.

Na minha missão de rei, cujo primeiro mestre foi Mousinho de Albuquerque, nada ha mais grato do que vir assim associar-me ao povo portuguez no reconhecimento devido aos seus heroes.

Tenente-coronel Roçadas! Ao agradecer lhe e aos seus companheiros d'armas a coragem sem limites e o admiravel amor patrio com que defenderam e honraram a bandeira portugueza em terras d'Africa, não traduzo só nas minhas palavras o meu sentir pessoal e o d'esta Sociedade; pela bocca do rei fala todo o Portugal.

Meus senhores! N'esta sessão memoravel manifesta se uma das bellas funções d'esta Sociedade: galardoar os bons servidores da Patria; não quero por isso encerral-a sem accentuar que faço os mais ardentes votos pelo engrandecimento de uma instituição que, honrando a memoria dos nossos maiores e premiando os que no presente se distinguem, patrioticamente educa o povo portuguez no culto dos seus grandes homens, o melhor estimulo e o mais seguro guia para um futuro prospero.»

A sessão encerrou-se no meio das palmas e das aclamações de todo o auditorio, aclamações que se repetiram até á sahida de El-Rei e que continuaram espontaneas pelo povo que esperava o monarca na rua de Santo Antão.

A campanha do Cuamatu

Conferencia pelo comandante Alves Roçadas

Esta conferencia feita pelo valoroso comandante, é um relatorio sucinto da campanha, que ficará como uma das grandes glorias das armas portuguêsas, e documento da maior importancia para a historia, que entendemos dever arquivar neste repositorio, certo de que será lido com interesse.

SENHOR:

Ex.mas Sr.as e Meus Senhores; — No final do meu relatorio sobre a campanha de 1906, campanha de que resultou o nosso primeiro estabelecimento no Ovampo, dizia no capitulo XII (conclusões):

. . . .

«4.º Necessidade impreterivel e urgente de proseguir-se na occupação do Ovampo. Por motivos nenhuns se deve parar onde estamos, mas antes, tomando para *base* o novo forte além Cunene, avançar na proxima época com a linha de invasão já iniciada para o Cuamatu Pequeno, irradiando depois para o Cuamatu Grande e Evale».

Cumprindo assim o meu dever e cansado um pouco pelas fadigas de dois annos seguidos de operações militares (1905 no Mulondo e 1906 no Cuamatu Pequeno), ao mesmo tempo que enviava o meu relatorio ao saudoso governador geral Eduardo Costa, pedia-lhe a fineza de obter superiormente auctorisação para vir ao reino.

Dias depois chegava essa auctorisação, mas recebia tambem ordem telegraphica do mencionado governador geral, para apresentar um projecto de operações além Cunene, contando apenas com os elementos da provincia.

Elaborei um projecto nas condições indicadas, mas completei o com um outro em que admittia o concurso de tropas do exercito do reino.

Em abril, já em Lisboa, apresentava-o a S. Ex.ª o Ministro da Marinha, e n'uma conferencia com S. Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho, estando presentes tambem o Ex.mo Ministro da Fazenda de então, era approvado sem restricções aquelle projecto, confiando-se me a alta honra de commandar a futura columna.

O dever militar

Se ha cousa que mais enerve o militar, que mais o faça descrer dos grandes destinos reservados á patria, que mais lhe transforme a vida n'uma decepção de annos, é o nunca desembainhar a espada para, nos campos de batalha, apontar aos seus soldados o local da morte ou da gloria; é o ir vegetando no viver monotono de guarnição e da caserna, é, emfim, o repetir de si para si: — Nunca entrei em campanha.

Mas tambem, se o entrar em campanha, se o pisar os campos de batalha, se o passear sob o chuveiro de balas do inimigo, de cabeça erguida e ar sorridente para os seus soldados, é a gloria suprema que póde encher o coração do homem, a responsabilidade do commando e da direcção superior é um peso de tal ordem que por momentos esmaga nos toda e qualquer manifestação das mais nobres paixões do soldado; como que nos chama á vida real, positiva, cheia de casos e consequencias, como que nos embrenha n'um terreno sombrio sem saida, o terreno das illusões e da duvida.

Por isso nunca me ha de esquecer o instante em que, despedindo-me de s. ex.ª o Conselheiro Ayres de Ornellas, no meio da Avenida da Liberdade, ao largar a mão que s. ex.ª se dignou estender-me, senti como que um choque terrivel cair me sobre o coração: — era o peso da enorme responsabilidade que acabava de assumir perante o meu paiz.

E todavia, ainda momentos antes, eu quasi que assegurava a s. ex.ª o bom exito das operações, a sufficiencia do effectivo da lacuna e dos respectivos elementos de combate; chegando mesmo a precisar as datas em que calculava se realisariam determinadas fases, e até a citar o texto em que communicaria o telegramma sobre o primeiro encontro com o inimigo.

Mas era a duvida, a terrivel duvida que sempre ha de vir ensombrar as combinações mais bem planeadas, sobretudo quando se trata de operações de guerra sujeitas a tantos azares; duvida nascida do desastre de 1904, e alimentada durante tres annos na imprensa e em varios escriptos devidos á penna de officiaes conhecedores das campanhas coloniaes.

Mas a fé é uma grande força. E fé é tudo o que seja crer: em Deus, nos destinos da patria, nas glorias do passado, no valor do soldado, no patriotismo do povo, na confiança de nós mesmos, na nossa boa estrella emfim. E eu, confesso o com satisfação, possuia essa fé; fé que me levou ás terras dos cuamatuis, fé que me trouxe a mim e aos meus companheiros de armas, conscios de termos cumprido o mais honroso dever — o dever militar.

Passarei agora a descrever a campanha d'este anno, procurando ser o mais methodico e succinto possivel, de fórma a evitar fadiga e mostrar clareza.

Aspecto geral do terreno

N'um d'aquelles periodos evolucionarios da constituição do nosso globo, n'uma d'aquellas edades de formação que deviam ser das primitivas, appareciam á superficie das aguas, que então cobriam a superficie quasi total do nosso planeta, as grandes arestas que hoje definem os dorsos do grande systema de cordilheiras terrestres.

No continente africano surgiu um vasto plató central, de onde irradiam as divisorias que separam as aguas que se dirigem respectivamente ao Mediterraneo, ao Atlantico e ao Indico.

O plató é a chamada região dos Lagos; as divisorias são as que formam os valles do Nilo, Zaire e Zambeze.

Estas largas bacias hydrographicas, cortadas por outras secundarias, constituem o regime principal de aguas do centro de Africa.

A nossa provincia de Angola assenta na zona inferior da vertente esquerda do Zaire e zona superior da vertente oeste do Zambeze. Como é natural, a aresta de intersecção d'estas duas vertentes explica a existencia da grande divisoria que, do centro do paiz da Lunda, corre por Benguella á Chella de um lado, e pela nossa Lunda a Encoge do outro lado, modificada na sua directriz primitiva pelo reitrante da bacia secundaria do Quanza.

O districto da Huilla com o de Mossamedes occupa a parte mais meridional da provincia, indo defrontar com o paiz do Ovampo allemão.

Foi pois uma d'essas grandes convulsões successivas do globo, successivas sim, mas separadas por periodos estacionarios de seculos, durante os quaes a rocha primitiva, desfeita pela erosão, atacada pelas aguas ferventes, transformada pelas reacções e combinações chimicas, encamada por uma sobreposição permanente e prolongada, soffreu todo o trabalho physico e chimico da natureza, concluido o qual uma nova convulsão de fogo central cozeu, levantou e fendeu essa crosta, surgindo do seio das aguas refluidas esta imponente e alterosa cordilheira da Chella.

Violentissimo foi o abalo no momento, porque a Chella apresenta se-nos como uma verdadeira muralha a prumo de mais de 1:000 metros de altura, supportando lá no alto o grande taboleiro onde assentam os focos de colonisação branca: Lubango, Humpata, Chibia e Huilla.

Quer para o lado do mar, onde nos fica Mossamedes, quer para as bandas do Interland, onde nos ficam as regiões dos Gambos, Humbe, Dongoena, Mulond e de além do Cunene, o aspecto do solo, clima, culturas, etc., é inteiramente differente.

De facto, quem desembarca em Mossamedes e se dirige para o planalto encontra primeiro deante de si uma immensa planicie subindo sempre gradualmente e desdobrando-se á medida que se avança, em largas lombadas coroadas ao longe por numerosos morros de aspecto singular.

Solo de areia á saida do litoral, arido no Giraul, de arborisação rachitica até á Pedra Grande, começa d'aqui em diante a cobrir-se de vegetação arborea, cada vez mais frondosa ao passo que nos approximamos da Chella.

N'um trajecto longo de mais de 100 kilometros, e fatigante, encontra-se pouca agua e má, apenas ha no Giraul, Pedra Grande, Muninho e Capangombe.

Tres são as portelas mais frequentadas e por onde mais facilmente se póde transpôr a serra: a do Chacuto para quem demandar directamente a Chibia; a da Biballa para os que pretendam chegar ao Lubango, e a do Bruco para quem fôr pela Humpata ou Tchivinguiro.

Esta ultima é a mais ingreme, accessivel só a peões e cavalleiros, mas é a mais curta.

Fenda estreita aberta n'essa muralha calcarea, desfiladeiro ingreme e apertado entre precipicios consegue levar-nos da base á crista da serra em duas horas de subida fatigante oppressa, mas tendo o encanto da paysagem, o murmurio das aguas correntes, a casarem-se com a frescura dos fetos e dos agriões, e o frondoso do arvoredo a deleitar-nos a vista durante os repetidos descansos em que preciso é tomar folego.

(Continúa).

ALVES ROÇADAS.

Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Conforme prometemos em o n.º 1057, voltamos hoje a tratar da Exposição Nacional do Rio de Janeiro, na parte respeitante á comissão portuguêsa, incumbida de organisar as coleções de productos portuguêses a enviar á exposição. Essa comissão nomeada por portaria de 28 de novembro de 1907, ficou assim composta.

Conselheiro Ernesto Driesel Schröter, Ministro de Estado honorario, presidente da Associação Comercial de Lisboa e delegado d'ella, que presidirá á comissão e á sub-comissão de Lisboa.

Antonio José Arroio, engenheiro chefe de 2.ª classe do corpo de engenharia civil, inspétor do ensino elementar industrial e comercial.

Antonio Teixeira Judice, engenheiro chefe de 2.ª classe do corpo de engenharia civil, vogal da direção do Mercado Central dos Produtos Agricolas.

Bernardino Camillo Cincinnato da Costa, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria, vice-

Exposição Nacional do Rio de Janeiro

CONSELHEIRO ERNESTO DRIESEL SCHROTER
PRESIDENTE DA COMISSÃO PORTUGUESA

CINCINNATO DA COSTA
ADJUNTO Á PRESIDENCIA DA COMISSÃO PORTUGUESA

presidente da Real Associação Central da Agricultura Portuguêsa, delegado da mesma associação.

Henrique Pereira Taveira, presidente da Associação Industrial Portuguêsa, delegado da mesma associação.

Jorge Colaço, presidente da Associação Nacional de Bellas Artes, delegado da mesma associação.

Christiano Van-Zeller, vice presidente da Liga Agraria do Norte e delegado da mesmo associação, que presidirá á sub-comissão do Porto.

Antonio Ramos Pinto, vice-presidente da Associação Comercial do Porto, delegado da mesma associação.

Antonio Teixeira Lopes, professor da Academia das Bellas Artes do Porto e presidente da direção da Sociedade de Bellas Artes do Porto, delegado da mesma sociedade.

Carlos Affonso, secretario do Centro Comercial do Porto e delegado da mesma associação.

João Henriques von Hafe, engenheiro chefe de 2.ª classe do corpo de engenharia civil.

Luis Firmino de Oliveira, industrial, delegado da Associação Industrial Portuense.

Esta comissão dividiu-se em duas sub-comissões, com séde uma em Lisboa e outra no Porto.

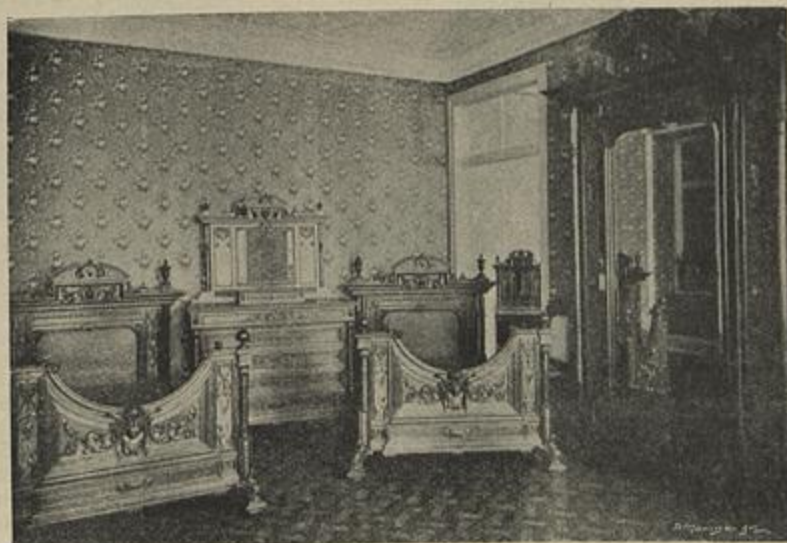
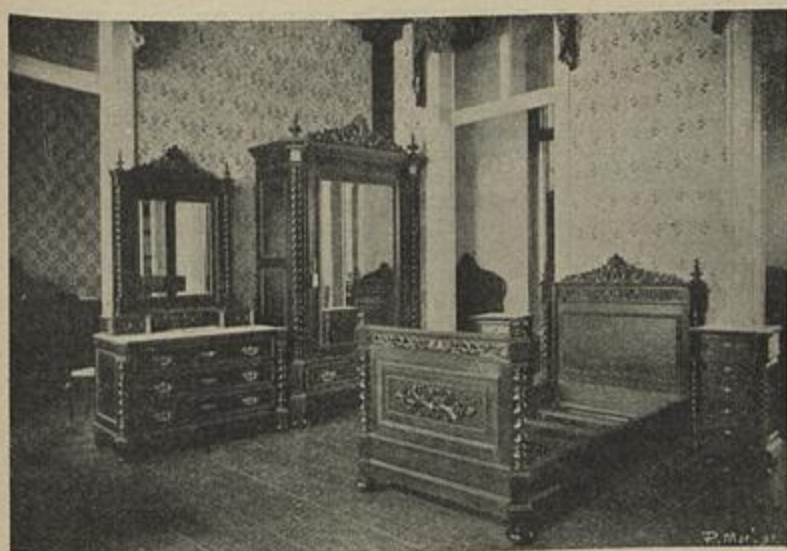
A' sub-comissão de Lisboa coube colecionar os produtos dos districtos de Beja, Castello Branco, Evora, Faro, Leiria, Lisboa, Portalegre, Santarem, Angra do Heroismo, Horta, Ponta Delgada e Funchal; á sub comissão do Porto, o colecionar os produtos dos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Guarda, Porto, Vianna do Castelo, Vila Real e Vizeu.

Estas sub-comissões iniciaram desde logo os seus trabalhos, principiando por dirigir circulares ás industrias e ao comercio, que tiveram o melhor acolhimento, prevendo-se grande concurso de produtos á exposição, como de facto se realisou, talvez além do que se havia previsto, atentas as circunstancias excepcionaes em que o país se encontra.

E' certo que para esse resultado concorreu a boa direção dos trabalhos das sub-comissões, em que devemos destacar a de Lisboa, da qual melhor conhecemos as diligencias e esforços que fez para bem se desempenhar do encargo, sendo incansavel na direção superior quer o presidente, sr. conselheiro Schröter, quer o delegado adjunto á presidencia sr. Cincinnato da Costa cujos conhecimentos especiaes e competencia são incontestaveis.

Do trabalho das duas sub-comissões, resultou o extraordinario concurso dos produtos portuguêses á Exposição Nacional do Rio de Janeiro, que só de Lisboa carregou dois vapores que saíram em meiados do mês passado.

EDIFICIO DA SECÇÃO PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
(Desenho do sr. R. Christino)

Portugal na Exposição Nacional do Rio de Janeiro

Esses produtos comprehendem tres secções: agricola, industrial e bélas-artes. Todas estas manifestações do trabalho nacional se fazem largamente representar na Secção Portuguêsa da exposição, para a qual foi construido edificio especial, cujo aspéto reprodusimos em gravura, conforme o projeto deliniado, pela Inspeção Geral das Obras Publicas.

O projéto deste edificio, em estilo manuelino, foi submetido á apreciação do governo brasileiro, que o aprovou. Ocupa uma area de 78 metros de comprimento por 20 de largura, ou sejam 1560 metros quadrados; é constituido por dois pavimentos, terreo e superior, divididos em duplas galerias de um extremo ao outro com 17 arcadas a que correspondem outras tantas janélas superiores, pela fachada e pelo fundo. E' iluminado a luz elétrica.

Como se vê, é vasto o edificio destinado á Secção Portuguêsa, entretanto a concorrencia de produtos excedeu o espaço calculado, reconhecendo-se a necessidade de construir um annexo, de que nos ocuparemos em sobsquente artigo.

A quantia autorisada pelo governo transáto para as despezas da Secção Portuguêsa é de 150 contos, que poderão ser largamente compensados se os expositores que enviarem seus produtos tiverem, em primeiro logar, atendido aos resultados praticos de suas industrias e comercio, de preferencia á exibição de raridades ou provas de paciencia, muito dignas de se admirarem em museus, mas de resultados nulos em certamens d'este genero, cujo fim é, principalmente, dar a conhecer ao comercio do Brazil os produtos da arte e industria portuguêsas que melhor concorrem áquelle paiz.

Mobiliario em varios estilos da MARCENARIA 1.º DE DEZEMBRO

Portugal na Exposição do Rio de Janeiro

Marcenaria 1.º de Dezembro

Entre os expositores que concorrem á Exposição Nacional do Rio de Janeiro, conta-se a *Marcenaria 1.º de Dezembro*, importante fabrica de moveis, dos melhores que se fazem no pais, que não teme o confronto com o que de melhor se fabrica no estrangeiro, com o qual concorre tambem em preços, demonstrando deste modo os processos praticos da sua producção, aliados ao bom gosto e arte do seu mobiliario.

Só um profissional bem orientado e com sufecientes conhecimentos da sua arte, póde produzir com perfeição e economia, como acontece á grande fabrica de moveis *Marcenaria 1.º de Dezembro*.

Esta fabrica, fundada em 1888 pelo sr. José Pedro dos Reis Collares tendo por socio capitalista o sr. Christiano Augusto Teixeira da Silva, pretence hoje só ao primeiro fundador, mestre na marcenaria a que se dedicou desde os 14 annos de edade, com verdadeira vocação, aprendendo com seu pae, que era da mesma arte, o qual reconhecendo a extraordinaria aptidão de seu filho, lhe entregou a oficina, que principiou a dirigir aos 17 annos.

Este facto é por si o bastante para definir a capacidade artistica do sr. Reis Collares, que em tão verdes annos tomava a direcção de trabalhos, para que muitos com longa pratica nunca chegam a habilitar-se.

José Pedro dos Reis Collares

A esse tempo, 1877 a 1881, completava o sr. Reis Collares o curso de desenho na Academia de Bellas Artes de Lisboa, o que o habilitava a deliniar os projetos dos moveis e a dirigir a sua construção sob os preceitos da arte, nos varios estilos gotico, Henrique II, Luiz XV e XVI, renascença, inglez, arabe e arte nova, que de todos a *Marcenaria 1.º de Dezembro* apresenta belos exemplares.

Este estabelecimento fabril emprega a media de cem operarios, numero importante nesta industria, o que prova o grande movimento de suas oficinas, estabelecidas no pavimento terreo, no palacete da rua Rosa, 168.

E' nas grandes salas deste palacete que a *Marcenaria 1.º de Dezembro*, tem uma exposição permanente de moveis, em todos os estilos, e que as nossas gravuras reproduzem, dando assim idéa, ainda que incompleta, do magnifico mobiliario que ali se fabrica.

Um estabelecimento fabril desta ordem não podia deixar de corresponder ao convite que a nação brasileira nossa irmã dirigiu á industria portuguêsa, e assim a *Marcenaria 1.º de Dezembro*, enviou áquelle certamen uma magnifica *vitrine* de madeira de carvalho, em estilo Luiz XVI, com primorosa obra de talha de bom desenho e delicado relevo.

Este trabalho, estamos certo, que será muito apreciado no Rio de Janeiro e aumentará os creditos da *Marcenaria 1.º de Dezembro*, e os do sr. Reis Collares como um dos primeiros artistas industriaes do nosso país.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.º 1059)

III

O diabo tem fama de haver construido muitas pontes sobre a terra, e é difficil saber a causa d'isso, visto que as aguas, apesar da sua vastidão, não podiam razoavelmente servir de obstaculo ao seu caminho.

Ha, porém, pontes do Diabo desde as Hebridas até ás ilhas da Grecia; e a ponte do Diabo em Torcello, que da altura e da largura do seu unico arco deriva o nome que lhe dão, não tem, comtudo, na apparencia nada de diabolico ou de infernal; é feita de velho tijolo, cuja côr o tempo aformoseou, e tem entre os intersticios muitas hervas e plantas. São as suas margens opulentas de relva, de pedra, de alfazema do mar, e proximo d'ellas crescem avelleiras e pereiras.

Não ha em parte nenhuma herva mais rica do que a de Torcello, e os não-te-esqueças-de-mim, a madresilva e as roseiras brancas crescem até o lume de agua e em torno das pedras brancas da ilha deserta.

— Que sitio esquecido de Deus! — disse um rapaz, ao saltar de um barco em terra junto da ponte.

— Torcello foi a mãe de Veneza; a filha matou-a — respondeu um homem mais edoso, accommodando os remos no barco, e preparando-se para seguir o seu companheiro.

Caminhava entre as folhas de cicuta, e embaraçou os pés n'ellas; parou, e os seus olhos, que eram muito penetrantes, viram o fio de opalas.

— Um collar de mulher! — disse elle, quando o tirava debaixo das algas salgadas, e das humidas folhas de labaça. Estava descórado, tinha areia e lodo pegados, e poucos vestigios possuia da sua belleza primitiva; mas reconheceu que era uma joia de valor, e percebeu que as pedras, embaciadas como estavam, eram opalas.

— Que tendes ahi? — exclamou o homem mais novo de cima da margem. — A caveira de um archimandrita?

O outro atirou com o collar para cima da relva.

— Estaveis mais no caso do que eu para achar um collar de mulher.

— Opalas! As pedras da tristeza! — disse o mancebo, gravemente, apanhando-as do chão e limpando-as da areia. — Foi bello — accrescentou — e ha de sel-o ainda. Não está realmente estragado, apenas um tanto machucado e deslustrado.

Interessava-o o collar, que examinou com miudeza ao fulgor do sol que rebrilhava sobre os elos do ouro offuscado. E despertou n'elle a imagem da mulher que o teria possuido e usado.

— O que fareis de elle? — perguntou ao seu companheiro, que tinha já saltado em terra, depois de haver amarrado o barco.

— O que é que se faz sempre ás cousas que se acham? Enviam-se á policia, creio eu.

— Oh! barbaro! — disse o mais novo. — Gastemos a vida em descobrir a sua dona.

— Podeis gastar a vossa d'esse modo, se vos apraz, principe. A minha é já captiva de uma dona mais severa.

— Emprestae me a vossa lente — disse o mancebo que se deteve a observar certos signaes pequenos no verso da prisão do collar de opalas. E leu em voz alta: — «Zaranegra, 1775.» Zaranegra é nome veneziano.

Havia no collar uma inscripção em letra tão miúda, que fôra impossivel ler a olho desarmado; mas com o auxilio da lente, que era muito forte, podia ler-se. Dizia assim:

NINA DELLA LUCEDIA

Contessa Zaranegra

Capo d'Anno

1770

— Zaranegra — repetiu o mancebo. — E' nome veneziano. Lucedia é appellido do marquez de Ancona. Ha uma Ca'Zaranegra no Canal Grande. Fica ao pé do Loredan. Admirastes as suas janellas mouriscas do segundo andar, esta manhã. Carlo Zaranegra morreu novo; e a viuva de elle, que tem agora apenas vinte annos, é filha do duque de Monfalcone, familia do Trentino, mas puros italianos no sangue. O seu solar é nas montanhas para cima de Gorizia. Deve ser de ella este collar, que lhe veiu provavelmente por herança.

— Ide levar-lh'o — disse com indifferença o que o tinha achado. — Cedo vos os meus direitos.

Sorriu-se o mancebo.

— Ah! Quem sabe o que pode resultar d'ellas?

— Seja o que for, são vossas. Não dou apreço a essa especie de recompensa.

— Realmente? — disse o mancebo. — Se assim é, fazeis-me pena.

— De vós é que tenho dó — tornou o mais velho.

Conservava ainda o mancebo as opalas na mão; com uma folha de herva tirou-lhes em parte a areia; a perlada suavidade e a chamma rosada das pedras começou de apparecer, aqui e alli; duas sómente se tinham perdido.

— Vinde — disse o seu companheiro com impaciencia. — Guardae na algibeira esse adereço estragado, e vamos ver a cathedral e S. Fosca, porque não tarda a escurecer.

Caminharam ao longo do fosso enrelvado que atravessa a ilha, passaram pelas baixas arvores de fructo e pelas humildes cabanas de alguns camponezes que moram alli; a relva era comprida e cheia de boninas com olho de boi, lysimachias purpurinas e tambem cravos. E em breve alcançaram a verde e tranquilla estancia onde os sagrados edificios de S. Maria e S Fosca se elevam na solidão do campo e do mar.

Primeiro entraram na velha egreja de S. Fosca. O mancebo foi direito ao altar com a cabeça descoberta, e ajoelhou deante de elle, e ao mesmo passo que os seus labios se moviam, tinha no semblante uma expressão de brandura e suavidade.

O mais velho lançou-lhe um olhar zombeteiro e desdenhoso, e voltou-se para contemplar as cinco arcadas com as suas columnas, tão preciosas para os que entendem as leis da architectura.

Instruido em muitas cousas, a architectura e a archeologia eram estudos que lhe serviam de passatempo nas raras horas de recreio que elle se permittia ter.

— Rezastes para encontrar a dona das opalas? — disse elle para o mancebo, que, tendo-se erguido, se approximara d'elle, e em cujo formoso cabello e rosto classico e bello dava a luz afogueada do poente, que entrava obliquamente, coada por alta janella.

O mancebo córou.

— Pedi a Deus que as pedras não nos acarretem mal nenhum — disse elle com ingenua simplicidade. — Ride-vos á vontade; quem reza nunca pode causar damno, e vós sabeis que as opalas são pedras de tristeza.

— Sei que sois uma creança crédula — um camponez supersticioso — embora conteis vinte annos de edade, e vos gire nas veias sangue real e nobre.

— Se não me houvesseis salvado a vida, atiraria comvosco ao mar — tornou o outro entre jocoso e irado. — Deixae a minha fé. Dirigi a vossa vida esteril, como quizerdes, mas não derrubeis flôres no jardim dos outros.

— E a vida, na verdade, é para vós um jardim — disse o mais velho com um tom de inveja no metal da voz.

Estava escuro em S. Fosca, porque o dia ia declinando, e o sol a pôr se para além do mundo das aguas.

Duas mulheres do campo rezavam as ave-marias junto de lampadas baixas. O aroma das hervas e o cheiro do mar entravam pela porta aberta. Por deante do altar andava um gato sem fazer ruido. E, como a egreja estava agora, assim o fôra, havia mil annos.

— Não vos diz nada este logar? — perguntou o mancebo.

— Não — retorquiu o outro. — Que me havia elle dizer?

(Continúa)

Alberto Telles.

Revista de Chimica Pura e Applicada

Está já no quarto anno esta verdadeira obra de provada irradiação scientifica á qual muito devem na especialidade bastantes estudiosos.

Durante o tempo em que não havia entre nós uma publicação assim orientada fazia-se um va-

cuo no campo da chimica tornando absolutamente necessario o apparecimento d'um trabalho impresso que, revelando-se com o caracter de periodicidade, fosse ao mesmo tempo registo e repositorio de ensino acompanhando o movimento da sciencia, n'um ramo tão preciosamente pratico e utilitario como é a chimica.

A lacuna existente preencheu-a a *Revista de Chimica Pura e Applicada* que se publica no Porto e de que são fundadores, redactores e proprietarios os professores Ferreira da Silva, Alberto d'Aguiar e José Pereira Salgado.

Ferreira da Silva! — este nome, sem offensa de ninguem, vale por si só o esforço e a accumulação sabia de muitas individualidades no curso de seculos, por, na verdade, na pessoa a quem elle pertence se acharem concentradas e condensadas as resultantes luminosas da aturada applicação de numerosos e anteriores apostolos, dentro d'uma vastissima esphera do saber humano, a que a pujança das suas faculdades creadoras tem alargado e ainda alargará no futuro a amplitude immensa dos horisontes.

Desde Lavoisier, uma victima illustre da cegueira indomada, até agora o colossal empenho scientifico no monumento ingentissimo da chimica, é de tal portentosa aclaração de phenomenos e de tão assombrosas conquistas validando a propria vida social, que não será para admirar o dever-lhe o planeta, em praso relativamente curto, a transformação completa dos seus meios e quasi das suas forças.

Portugal n'este ponto coopera na linha d'uma progressão crescente, e em cada dia que passa mais se avulta a figura proeminente do chimico abalisado que, na Academia Polytechnica e na Escola de Pharmacia da historica e invicta cidade do Douro, mais e melhor tem accentuado no animo de successivas gerações de academicos a profundeza dos seus conhecimentos empiricos e o solido acerto das suas syntheses preclaras.

E' muito para louvar que um homem da categoria de Ferreira da Silva se haja mantido na evangelisação do sabio e o não tenha illaqueádo a seducção politica.

Com isso porém ganhou e ganha o austero cidadão de principios e a patria por elle honrada.

Os politicos na terra portugueza, salvo dignas e raras excepções, apresentam-se como typos onde o rubor se desconhece e a acção se capitúla inferior á d'um poltrão.

Assim se explica logicamente o estado de decadencia sinistra a que chegámos e o despreso que votam ás suas primitivas carreiras tantos individuos que, compellidos ao rigoroso cumprimento dos seus deveres profissionaes, longe de serem pesados aos seus concidadãos e nocivos ao Estado, pelo contrario tornar-se-iam sympathicos a este e benemeritos da collectividade.

Ferreira da Silva ergueu um altar no seu fôro intimo á sciencia dos corpos, e affirmando o que vê no quadro positivo das realidades, paira em estancia muito acima da dos politicos, sempre incompativeis com a verdade, sem cessar em doce connubio com a refalsada mentira!

Bem haja Ferreira da Silva, que assim tem prestado e continua prestando serviços nacionaes de incontestavel valor, serviços perante os quaes se convertem na maxima nullidade objectiva e em perfeita irrisão vexatoria a obra e o expediente de ministerios compostos de elementos antagonicos com uma severa e rigida administração publica e só ferteis na invenção de contribuições penosas que, por especiosa singularidade augmentam a divida em vez de a diminuir proporcionalmente!

Para que os leitores possam ajuizar do merecimento didactico da *Revista de Chimica Pura e Applicada*, vou transcrever todo o summario do seu ultimo numero correspondente a 15 de abril findo.

Ei-lo, pois:

«*Chimica biologica:*
A chimica synthetica nas suas relações com a biologia, pelo dr. Emilio Fischer.
Chimica pharmaceutica:
Classificação e reacções comparadas dos antithermicos, por João Julio Franchini.
Revista dos jornaes:
Chimica geral e physica. — Os sulfatos dos metaes raros. — Hydrolise dos saes. — Sobre a origem da noção de soluções solidas. — Chimica mineral. — Preparação do protoxido de lithio anhydro e seu calor de dissolução. — Sobre os sulfuretos de phosphoro de Giran. — Preparação da agua oxygenada pura.
Variedades:
O abuso do acido sulfuroso no tratamento dos vinhos e a actual lei brazileira. — Congresso das industrias assucareiras e de fermentação. — Exposição internacional photographica de Dresde, em 1909. - Primeiro congresso internacional da industria frigorifica. — Ainda a proposito do congresso internacional para a repressão das fraudes alimentares.»

Como acaba de observar-se é interessante a materia versada no numero a que faço referencia, e não apenas interessante para determinadas pessoas mas para o publico em geral.

E o que occorre com este numero não é mais do que succedeu com todos os numeros precedentes, sempre notaveis pela escolha apropriada de assumptos, pela auctoridade legitima dos nomes que firmam os diversos artigos e pela salutar instrucção que a sua leitura ministra.

Cada numero constitue um volume de paginação combinada com a do immediatamente anterior de modo a formar no fim do anno respectivo um bello tomo de manuseamento optimo quando brochado ou encadernado.

Por ultimo, quero deixar aqui dito que ha muito nutria o desejo de render em publico a minha pobre homenagem de justiça ao grande chimico portuense que glorifica o paiz do occidente europeu por maneira authenticamente perduravel.

Aproveitei o ensejo, pressuroso, n'este momento em que Caetano Alberto, proprietario e director d'esta illustração, me pediu para dedicar um artigo critico mais extenso á *Revista de Chimica Pura e Applicada*.

Padece o meu artigo, desalinhavado, da falta de competencia do seu auctor, mas não soffre o meu sentimento, alegre por se lhe deparar similhante ensejo e tanto mais alegre quanto é certissimo simplesmente conhecer pelos seus trabalhos impressos, deveras assentes em demonstração fundamentada, o lente de chimica organica e analytica e de chimica legal e sanitaria em estabelecimentos de instrucção superior no segundo centro vital do organismo portuguez.

D. Francisco de Noronha

Diccionario do Theatro Portuguez por Sousa Bastos, editor Avenida da Liberdade, 174.

Basta ler o nome do autor para se avaliar a competencia com que esta obra deverá estar feita. Sousa Bastos autor dramatico e ha muitos annos empresario, tem longa pratica do teatro, conhecendo bem sua historia assim como todas as minuciosidades da sua tecnica. Da sua historia publicou a *Carteira do Artista*, obra de paciente investigação, como ainda não se havia feito em Portugal; da tecnica do teatro vem agora mostrar quanto a conhece no *Diccionario do Theatro Portuguez*, que julgamos ser o primeiro que se publica no pais, pois não sabemos de outro.

Este dicionario, abrangendo todos os termos da tecnica dos bastidores, do calão ou giria do teatro, inclue muitos vocabulos, embora comuns a muitas outras coisas, mas que tambem se relacionam com a linguagem da gente do teatro.

Recebemos o fasciculo 1, 2 e 3 de 32 paginas illustrados com gravuras e que alcançam á letra M.

Agradecemos.

El-Rei D. Carlos I e Principe Real D. Luiz Filipe. — Lisboa. — Livraria Ferreira, Editora. — 1908.

E' a oração funebre pronunciada pelo conego Bernardo Chouzal na Sé de Evora, no dia 29 de fevereiro ultimo, por ocasião das exequias ali realisadas sufragando as almas dos dois régios assassinados.

Constitue um volume de 53 paginas que afirmam na pessoa do já consagrado sacerdote uma pujança oratoria digna do assunto.

Lê-se com proveito sob todos os aspectos e demonstra no orador uma simpatica isenção cavalheirosa.

Sonatas. — *(Prosas varias).* — Fidelino de Figueiredo. — Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor. - Lisboa. — 1908.

A materia inserta n'este volume de 114 paginas está subordinada aos seguintes cinco titulos:
O mal d'El-Rei (lenda).
Paganismo (conto romano).
No harem (conto arabe).
O Faroleiro (elegia sentimental d'um misantropo).
Traida (episodio lisboeta).

Lê-se todo o texto assim baptisado sem que se force a vontade, pois o auctor, Fidelino de Figueiredo, escreve em estylo que não enfada.

E' pena porém que não haja procurado omitir a crueza tão embriagante quanto deleteria do realismo vivo de alguns dos seus quadros que, aliás, poderia ter traçado com egual colorido e sem perigo de despertar curiosidades prematuras em leitores ainda longe de tempo.

Manda entretanto a justiça que não capitulêmos o volume no numero das producções de obscena urdidura.

Memorias d'um policia amador. — *Sherlock Holmes Triumphante.* — Versão de Augusto Gil. — Livraria Ferreira, Editora. — 1907.

Neste volume de 205 paginas, acham-se reunidas pelo auctor inglez, A. Conan Doyle, mais seis narrativas de casos notaveis em que a perspicacia policial d'um oficioso de raro merito se revela em toda a luz da evidencia.

Já aqui nos referimos a um outro anterior de identica indole, agora apenas transcrevemos o indice:

Carlos Augusto Milverton — Os seis Napoleões — A luneta de aros de ouro — O desapparecimento do campeão — A abbadia de Grange. — A nodoa de sangue.

Recommendamos a leitura de tão interessantes volumes aos juizes d'instrucção criminal e dos distritos criminaes, bem como aos funcionarios da policia.

O MEZ METEOROLOGICO

Maio 1908

Barometro. — Max. altura 770^{mm},2 em 17.
» Min. » 756^{mm},4 em 30.
Thermometro. — Max. altura 29°,8 em 17.
» Min. » 10°,8 em 13.

Durante o mez a temperatura soffreu grandes alterações, descendo consideravelmente até ao dia 5 (Max. 17°,2), subindo de novo até ao dia 8 (Max. 26°,0) para tornar a descer de 9 a 12 (Em 12, Max. 16°,9 — Min. 10°,9). Em 13, as extremas foram: 17°,8 — 10°,8, sendo a media do dia 13°,6, temperatura baixa para a época. A partir de 14, sobe vertiginosamente até atingir o maximo em 17, conservando-se o tempo abafado até 21, com maximas superiores a 25°,0. De 21 para 22, grande diminuição de temperatura (Em 21, Max. 27°,4. Em 22, Max. 18°,9). Mais uma vez sobe despropositadamente de 23 a 26 (Max. 27°,8) para descer ainda até 30, conservando-se a um nivel quasi egual a 20°. Foi um dos mezes de temperatura mais desigual. Em 29, desenvolveu-se o regimen de trovoadas, com chuvas torrenciaes.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 14 dias.
» Nublado 15.
» Encoberto 2.

Chuva. — 29^{mm},0 em 6 dias, sendo de 30, a altura pluviometrica de 21^{mm},5 em 24 horas.
Vento dominante. — NW.
Relampagos — Em 28.

Joaquim Gregorio Nunes Prieto

E' tarde para fazer o necrologio de Joaquim Prieto, que faleceu em 6 de fevereiro de 1907, mas sempre é tempo de escrever o seu elogio e honrar sua memoria, como acto de justiça a quem possuiu qualidades pouco vulgares de coração, dotes de espirito superiores, o que tudo se completava num caracter honrado de rara isenção e inescedivel altruismo, que outra coisa não foi sua vida.

Joaquim Gregorio Nunes Prieto nasceu em Lisboa a 9 de maio de 1833, filho de Joaquim Nunes Fernandes e de Violante Elisa Prieto, de origem espanhola.

Estudou o curso da Academia de Bellas Artes de Lisboa, nos annos de 1850 a 1859, com nota-

vel aproveitamento e distinção, merecendo não só a estima dos professores, mas ainda a dos condiscipulos que lhe reconheciam seu belo caracter.

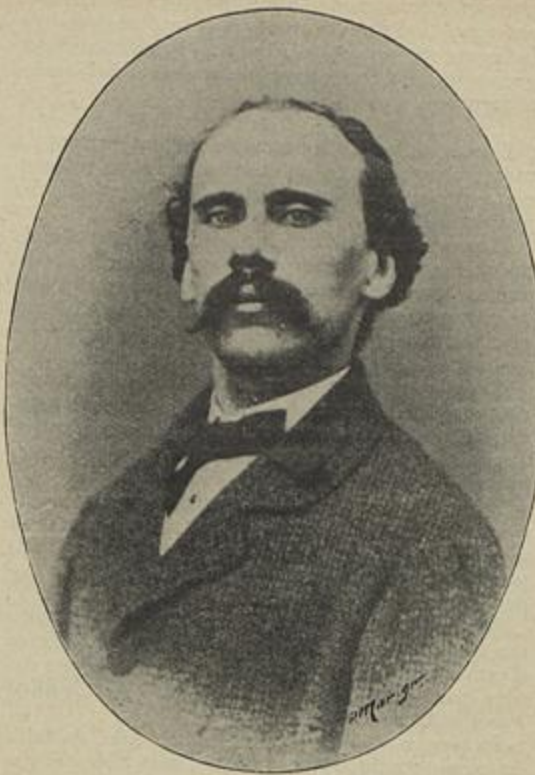
Em 1868 foi nomeado professor da primeira cadeira de desenho da mesma Academia, logar que exerceu até 1874, passando depois ás cadeiras de figura, paisagem e perspetiva, ao mesmo tempo que desempenhava varias commissões de serviço academico, como a de fazer o catalogo das coleções de gravuras e desenhos existentes na Academia, restaurar e colegir muitas estampas que andavam dispersas, trabalho que durou de 1870 a 1882.

Quando em 1865 se realisou no Porto a exposição internacional, foi Joaquim Prieto o encarregado por parte da Academia, de dispôr as obras de arte com que os artistas de Lisboa concorreram áquelle certamen.

Entretanto Joaquim Prieto fez parte de todas as comissões, que no seu tempo se formaram na Academia para tratar coisas de arte.

A popularidade de que Joaquim Prieto gosava entre os artistas, que todos lhe queriam muito, é a prova mais irrefragavel do seu grande valor e do seu bom caracter.

Joaquim Prieto compôz e editou um compendio liniar, do qual poucos exemplares vendeu porque os dava aos alumnos pobres, que era a maior parte.

Como professor particular lecionou no colegio Luso-Brasileiro e em casa das familias mais nobres de Lisboa, dando tambem um curso gratuito na Academia Civilisadora, estabelecida na rua de S. José, além de muitas lições que dava de graça em sua casa.

Joaquim Gregorio Nunes Prieto

Isto que representava grande trabalho, não absorvia toda a actividade de Joaquim Prieto, pois ainda encontrava tempo para se dedicar á pintura dos seus quadros, que produziu em quantidade, especialmente os de natureza morta e de paisagem, que segundo uma relação, feita por elle proprio, subiram ao numero de 66, advertindo que pintou muitos mais posteriormente.

Mas além dos quadros originaes ha a enumerar os trabalhos de restauração que fez nas pinturas dos tétos das egrejas de S. Roque, Santo Antonio da Sé, S. Francisco de Paula, S. Nicolau, Encarnação, Penha de França, Madre de Deus, Francesinhas e recolhimento de S. Pedro de Alcantara.

Na egreja de S. Roque restaurou tambem tres importantes quadros: O papa Paulo III enviando a Portugal os primeiros irmãos da Companhia de Jesus; D. João III despedindo-se de S. Francisco Xavier que partia para a India; Santo Ignacio de Loyola vestido de armadura.

Foi Joaquim Prieto insigne restaurador de quadros, aptidão que poucos artistas tem, e que além disso demanda de um estudo especial, paciente e critico para bem se desempenhar.

Nestas condições conhecemos em Lisboa o celebre restaurador de pintura Antonio Caetano, que passou por eximio, como realmente era, mas que levava vida de bohemio e morreu pobrisimo.

O trabalho, porém, de Joaquim Prieto é muito maior e mais complexo, como vamos relacionar, pois é importante saber da existencia de certos quadros do pais, que muito pódem interessar á historia da arte e á historia patria.

(Continúa.) C. A.